

DIFICULDADES DE LEITURA E COMPREENSÃO DE TEXTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: uma intervenção nas 1ª e 2ª etapas do Ensino Fundamental em Teresina- Piauí

Antonio Francisco Arrais Feitosa (Graduando)
Universidade Federal do Piauí - ICV/UFPI
arraisfeitosa2010@hotmail.com

Izaias da Silva Alves (Graduando)
Universidade Federal do Piauí - IC/UFPI
E-mail: pensikant@hotmail.com

João Evangelista das Neves Araujo
Professor Doutor/UFPI
Joao2007@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo é resultado de um estudo de um projeto cadastrado junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Piauí (PIBIC/UFPI) ainda em andamento. Partimos da constatação de que o ensino convencional, sozinho, não forma leitores, esperados pela sociedade. O problema a ser respondido é: quais os graus de dificuldades de leitura e compreensão de textos dos educandos das 1ª e 2ª etapas da EJA. Utilizamos como objetivo principal: desenvolver em alunos da EJA, o gosto estético literário e o prazer de ler, através da participação dos mesmos em oficinas lúdicas de leitura. Trata-se, portanto, de uma pesquisa-ação. Os instrumentos foram: questionários e entrevista, observação. Fundamentamo-nos em estudos de Araújo (1999, 2005, 2007); Bosi (1986) e Freire (1987, 1996, 2011, 2011). Os alunos da EJA demonstram algumas habilidades no que se refere às práticas de leitura e compreensão de textos da Literatura regional popular.

Palavras-chave: Cultura popular. Leitura. Literatura Popular.

INTRODUÇÃO

Nesse artigo apresentaremos os resultados parciais do projeto de pesquisa “DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): mediações pedagógicas através da cultura literária do mundo real e simbólico dos educandos”, cadastrado junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Piauí (PIBIC/UFPI) com realização prevista para o período que vai de agosto/2012 a julho/2013.

O interesse pela temática aqui abordada surge da constatação de que apenas o ensino convencional não forma sozinho leitores, os esperados pela sociedade. Por isso é que se tornou consensual dizer que o processo de alfabetização não pode se dar dissociado do processo de leitura do mundo. O seu objetivo principal é desenvolver em alunos da EJA o

gosto estético-literário e o prazer de ler, através da participação dos mesmos em oficinas lúdicas de leitura de obras que apresentam ligações com as dimensões culturais e simbólicas dos referidos educandos. Nesse processo, observaram às mediações psicopedagógicas, as bases antropológicas, da literatura popular e de seus leitores, uma vez que estes são fundamentais para a superação de dificuldades e problemas nas aprendizagens sociais (comportamento cultural) e escolares (aquisição de conhecimentos nas diversas disciplinas) em alunos da EJA.

É neste sentido que, Costa e Lima (2011) sustentam, sob uma perspectiva sociolinguística, a alfabetização não pode se dá senão através de atividades de fala ou de linguagem contextualizadas, isto é, situadas socialmente. Logo, a escola, que pretende promover a emancipação e a interação entre os sujeitos por meio da alfabetização, terá que partir das experiências sociais vivenciadas por tais sujeitos em suas comunidades regionais. Ou seja, da realidade sociolinguística do educando.

Por isso, diante da especificidade da formação de leitores na EJA, iniciamos nossa pesquisa a partir da construção do perfil dos participantes (os educandos e educadores) e da organização de oficinas lúdicas de leituras literárias, utilizando para isso, obras literárias que refletem e/ou traduzem os universos reais e simbólicos presentes nas identidades socioculturais dos educandos do 1ª a 4ª da EJA em dificuldades de aprendizagem, sobretudo aquelas relacionadas às habilidades de leitura e escrita.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza empírica, pois parte da análise de fenômenos concretos (dificuldades de aprendizagem) em um campo específico, a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Quanto aos seus objetivos, configura-se como um estudo exploratório, segundo a classificação de Gil (2002), uma vez que procura uma maior aproximação com o fenômeno para melhor elucidá-lo. Quanto aos procedimentos técnicos, adotamos a pesquisa-ação com o propósito de transformação da realidade investigada.

O campo escolhido para a ação foi uma instituição de Educação de Jovens e Adultos da zona leste de Teresina-PI. Escola da rede estadual de ensino.

O objetivo geral da pesquisa em andamento, postula: desenvolver em alunos da EJA o gosto estético-literário e o prazer de ler, através da participação dos mesmos em oficinas lúdicas de leitura de obras que apresentam ligações com as dimensões culturais e simbólicas dos referidos educandos. Porém, para este artigo, adotamos como objetivo principal: verificar

os graus de níveis ou de dificuldades de leitura e compreensão de texto dos educandos da EJA nas diversas disciplinas do currículo escolar. Portanto, elegemos dois objetivos singulares, a saber: refletir sobre as concepções de cultura e literatura popular, construídas por alguns estudiosos do assunto; identificar as dificuldades de leitura dos alunos da EJA destacando as contribuições da literatura popular para o processo de superação das dificuldades de aprendizagem de leitura e compreensão de textos.

Os sujeitos que compõem o grupo de colaboradores da nossa pesquisa são em sua maioria, senhoras acima dos 35 (trinta e cinco) anos de idade, vindas do interior que aqui, desenvolvem trabalhos domésticos. Apenas 30% (trinta por cento) estão na faixa etária de 15 (quinze) e 25 (vinte e cinco) anos de idade. Também é importante ressaltar que 40% (quarenta por cento) são do sexo masculino, trabalhadores de canteiros de obras em construção civil, porém, alguns destes, aproximadamente 10% (dez por cento) desempenham função de doméstico.

Metodologicamente orientamos nosso estudo a partir de uma abordagem da pesquisa-ação tal como é compreendida por autores como Dionne (2007), aqui citados nesta sessão. Contudo, a base epistemológica norteadora da discussão do fenômeno em análise foi construída pelos estudos socioculturais, literários e antropológicos de Araújo (1999, 2005, 2007) e também pelas investigações antropológicas de Bosi (1986) sobre cultura popular e cultura de massa; e, pelo pensamento sócio educacional e político de Freire (1987, 1996, 2011, 2011), dentre outros.

Serviram como instrumento na pesquisa: questionários, aplicados a alunos e professores, a fim de percebermos a real situação dos alunos com relação às aprendizagens já construídas, mas também objetivando conhecer a visão dos educadores sobre as dificuldades de seus alunos; observação direta em sala de aula sobre a prática docente e o envolvimento dos alunos com as aulas; entrevista com professores e alunos para esclarecer algumas possíveis interpretações e intrigas nos questionários e nas observações.

FUDAMENTAÇÃO TEÓRICA: construções conceituais de cultura e literatura popular

O conceito de Cultura é plurifacetário e multivariado, ele assume acepções diferentes dependendo do momento histórico de sua análise, do grupo social que o elabora e dos interesses por traz de sua formulação. Com sua origem etimológica no latim “colere”, que significa cultivar, a cultura foi entendida na sua gênese como o cuidado com a agricultura, que ia desde o trato com a terra até a colheita dos frutos. Esta concepção não é de toda

abandonada, pelo menos não pelo senso comum. Frequentemente se ouve expressões como “a cultura da cana de açúcar é muito comum”... e outras que remetem a cultura como relativo à agricultura.

Porém, para Mondin (2005), a Cultura é um fenômeno múltiplo ao qual podem ser proferidas várias definições. Contudo, o pensador italiano em questão chama a atenção para duas concepções extraídas da “Enciclopédia filosófica”. O autor destaca que a Cultura pode ser entendida tanto do ponto de vista subjetivo quanto do ponto de vista objetivo. A primeira refere-se à atividade mental, ao exercício do intelecto e, por este prisma, Cultura é a atividade cognitiva. O segundo refere-se ao resultado da ação humana produzida através de suas faculdades sejam elas racionais e/ou sensitivas.

Desta forma, a Cultura é o conjunto de conhecimentos produzidos pela humanidade ao longo de sua história (sentido subjetivo) e, ao mesmo tempo, o conjunto das transformações a que o homem submete a natureza, isto é, o mundo artificial resultado da atuação do homem sobre e/ou com a natureza, através do conhecimento produzido. O cerne do pensamento de Mondin é que: “a cultura, como produção do homem, é necessariamente ostensiva do seu Ser.” (MONDIN, 2005. p. 195). O autor acredita que a análise da cultura de um povo ou de um indivíduo leva o pesquisador a conhecer com propriedade o povo de cuja Cultura se analisa.

Veiga-Neto (2003) destaca que o pensamento moderno forjou um conceito de cultura única e universal, pautada em uma epistemologia monocultural. Segundo o autor, “aceitou-se de um modo geral e sem mais questionamento que **cultura designava o conjunto de tudo aquilo que a humanidade havia produzido de melhor** – fosse em termos materiais, artísticos, filosóficos, científicos, literários, etc.” (VEIGA-NETO, 2003, p. 7, grifo nosso).

Para o autor em destaque, hoje é mais viável se falar em culturas e desconstruir a visão supracitada que se funda em uma epistemologia monocultural, do que defender uma homogeneidade cultural. Não existe uma cultura única e universal, pura e superior para qual tenhamos que tender se quisermos ser considerados cultos. Existem, culturas que coexistem. É cultura, em linhas gerais, o concretizar da vida, os fatos sociais e/ou individuais e as representações simbólicas e/ou materiais que produzimos a partir destes fatos.

Em “Educação e mudança” Freire (1997) ao destacar o caráter relacional do homem o coloca como produtor cultural. Segundo Freire, “**Cultura é tudo o que é criado pelo homem**. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. **A cultura consiste em criar e recriar e não em repetir**. O homem pode fazê-lo porque tem consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo.” (FREIRE, 1997, p. 30-31, grifo nosso). O conceito de cultura em

Paulo Freire remete à um organismo vivo que tem como força de sustentação o diálogo do homem com a natureza, do indivíduo com a sociedade, do saber erudito com o folclore.

O conceito de cultura que orienta este trabalho parte da sua aceitação como fenômeno polissêmico. Sua característica plural vem da pluralidade de grupos que constituem a sociedade. Assim, todas as ações humanas, empíricas/matérias ou racionais/intelectivas, sejam elas desenvolvidas por camponeses, índios, negros e/ou elites, constituem a Cultura. Todavia, nos interessa um campo específico deste vasto campo teórico-prático: a Cultura Popular.

Assim como o conceito de Cultura, a definição de cultura popular é, por demais, complexa. Contudo, apresentaremos a concepção de alguns teóricos que se dispuseram a refletir sobre a questão.

Bosi (1986), em sua tese de doutorado “Cultura de massa e cultura popular: leituras e operárias”, chama a atenção para a existência de “uma realidade cultural imposta de ‘cima para baixo’ (dos produtores para os consumidores) e uma realidade cultural estruturada a partir das relações internas no coração da sociedade.” (BOSI,1986, p. 63, grifo do autor). Para a autora, a cultura popular por constitui um sistema de ideias, imagens, atitudes e valores que se concretizam no cotidiano da sociedade.

No sentido tratado acima, a Cultura Popular é criada pelo povo e seus mais variados grupos, a partir da relação que estes estabelecem entre si e a sociedade. Analisada por este prisma, a Cultura Popular coincide-se com a própria vida do povo, com seu trabalho, sua arte, sua religião, etc. por isso, é vista pela classe dominante como uma cultura inferior, ou mesmo, uma subcultura. Intensifica esta compreensão a afirmação a seguir: “No século passado, vista como ‘cultura dos incultos’ a Cultura Popular já é sentida como diferente da erudita. O burguês crê viver ‘racionalmente’ o progresso; já o homem do povo viveria miticamente as suas tradições.” (BOSI, 1986, p. 66. Grifo do autor).

A autora constata com a afirmação supramencionada, uma dicotomia entre o erudito e o popular. Dicotomia, esta, reflexo da divisão socioeconômica que há entre a elite e as camadas populares. Como a classe social mais abastada está de posse da “cultura erudita,” a Cultura Popular passa a ser vista como cultura inferior.

Segundo Ortiz (2003), é necessário situar a Cultura Popular em sua assimilação à noção de folclore e buscar uma concepção mais abrangente que segundo ele encontra-se nos Centros Populares de Cultura – CPC. Para o autor, “A noção de Cultura Popular enquanto folclore recupera invariavelmente a ideia de “tradição”, seja na forma de tradição

sobrevivência ou na perspectiva de memória coletiva que age dinamicamente no mundo da prática que age dinamicamente no mundo da práxis.” (ORTIZ, 2003, p. 71, grifo do autor).

A concepção de Cultura Popular como folclore e por sua vez associada ao saber popular tradicional, traz consigo a ideologia conservadora que visa manter uma ordem injusta que intensifica o preconceito para com a cultura popular/folclore como sendo algo arcaico, atrasado e inferior. Nas palavras de Ortiz, “tal concepção legitima a existência de uma dicotomia estrutural na sociedade.” (ORTIZ, 2003, p. 70)

Como ficara evidente, o campo da discussão sobre Cultura Popular, é um tanto movediço. Pode-se dizer o mesmo da Literatura Popular, para esta, Cascudo (1978) faz a seguinte afirmação: “a literatura folclórica é totalmente popular, mas nem todo popular é folclórico.” (CASCUDO, p. 230). Fica claro que o autor compreende o saber popular como um campo amplo em relação ao folclórico e que este é parte integrante do primeiro, como uma de suas facetas.

A necessidade de se trabalhar nas escolas com uma literatura forjada na cultura popular nos leva a buscar uma definição também do que seria esta literatura popular. Como Bosi (1986) sugere que a Cultura Popular como “uma realidade cultural estruturada a partir das relações internas **no coração da sociedade**”. (BOSI, 1986, p. 63, grifo nosso) a Literatura Popular, por consequência, é fruto desta mesma relação e estrutura. Dito em outras palavras, da mesma forma que a Cultura Popular é forjada, todas as suas expressões são igualmente tecidas como saber que é produzido na coletividade.

Neste sentido, os mesmos preconceitos impostos à Cultura Popular refletem, por extensão, à Literatura Popular, e a esta é posta a condição de subliteratura. A escola como mantenedora da ordem social, incorpora os preconceitos existentes na sociedade e atribuem à literatura dos grupos subalternos uma importância inferior com relação à “literatura erudita” deixando-o, quase sempre, fora do Currículo trabalhado em sala de aula.

De acordo com Cascudo (1978), duas fontes contínuas mantêm viva a Literatura Popular: uma exclusivamente oral, representada nas estórias, cantos, danças, brincadeiras, cantigas de ninar, etc.; e, outra reimpressa a exemplo dos livretos vindos da Europa, que pode ser vista em abundância no Nordeste brasileiro na literatura de cordel. Conforme o autor em questão, a literatura oral é a expressão genuína da Literatura Popular. Porém, a mesma é negada pela escola que privilegia a literatura da classe abastada.

A Literatura Popular e, sobretudo, a literatura oral, resistem mesmo diante das fortes repressões da cultura escolar. Parece que o popular, visto como tradicional, arcaico e

folclórico, tende a ser condenado ao esquecimento. No entanto, segundo Cascudo (1978), a Cultura Popular caminha lado a lado com o saber clássico considerado erudito.

Este caminhar paralelo é inevitável. Pois, mesmo o mais douto da Literatura oficial erudita, se nutriu do saber tradicional milenar e conduz sua obra influenciada pela literatura produzida e transmitida nas relações sociais tecidas no interior da sociedade com seus mais diferenciados grupos. É esta variedade de grupos que confere um caráter plurifacetário à Literatura Popular. Sua importância está na riqueza e diversidade de suas manifestações.

RESULTADOS PARCIAIS

Para que compreendamos os dados que serão apresentados abaixo, ilustrando o grau de dificuldades de leitura e produção textual dos sujeitos tratados neste estudo, é necessário, antes, fazermos algumas considerações sobre as concepções de leitura aqui consideradas.

Araújo (1999) traça uma reflexão sobre leitura a partir de diferentes concepções. Para o autor, um conceito amplo de leitura deve ser estruturado sobre uma base teórica que compreenda a leitura composta pelos seguintes sentidos: Antropológico, Psicológico, Sociológico, literário e pedagógico.

Entendida como fenômeno que abarca os múltiplos sentidos supracitados, a leitura é, pois, um processo de compreensão de símbolos e formas de manifestações culturais nas diferentes linguagens, construídas na dialética entre a linguagem e o pensamento. Ou ainda, “um meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural, significando uma possibilidade de acesso ao conhecimento e ativação do poder crítico por parte do leitor.” (ARAÚJO, 1999, p. 31).

No sentido pedagógico, Araújo destaca que, “de modo geral, a leitura é, portanto, um processo de compreensão de expressões ou linguagens formais e simbólicas que pode ser desenvolvido através de um modo lógico e pedagógico de aproximação dos conhecimentos existentes em qualquer tipo de texto”. (ARAÚJO, 1999, p.32)

Ainda segundo o estudioso supramencionado, a leitura no sentido pedagógico se realiza mediante a aplicação de atividades interativas e cognitivas (lúdicas) que venham a facilitar a construção e atribuição de sentidos pelo leitor das suas experiências socioculturais e das orientações dadas pelo autor.

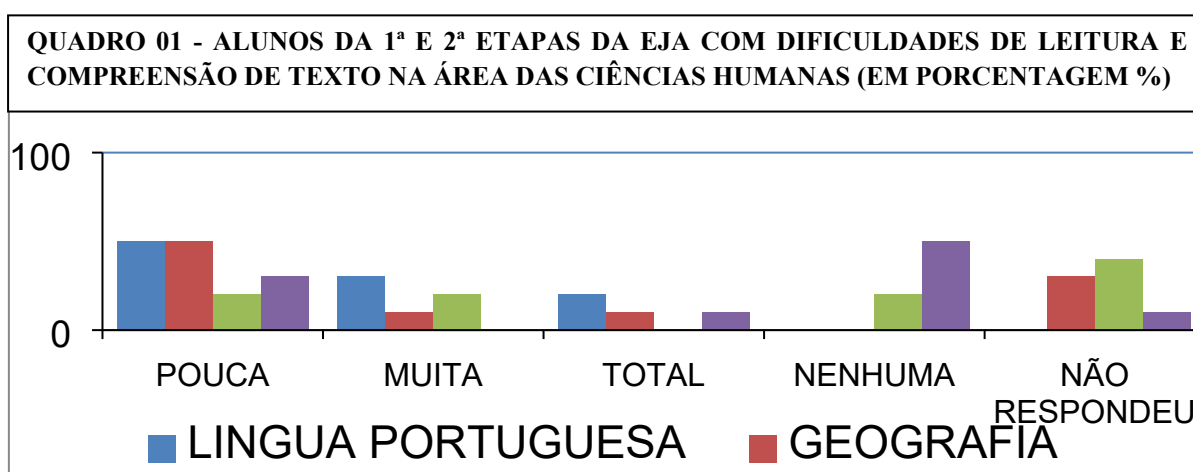
Diante das várias concepções de leitura, acreditamos que a mesma segue os vários sentidos e assume outras diversidades se considerarmos as múltiplas tipologias textuais. Paulo Freire, por exemplo, escreveu um texto com o título “Alfabetização: Leitura do Mundo - Leitura

da Palavra”, ao refletirmos sobre o texto citado podemos afirmar que o autor em pauta compreende a interpretação do mundo com sua organização e constantes transformações, como um tipo específico de leitura. Leitura que se versa não sobre textos, mas sobre contextos.

Para Freire (1987), ler não se esgota na decodificação pura da expressão escrita, mas se antecipa e se alonga na interpretação do mundo. Neste sentido, é importante o educador perceber que o texto escrito não é o único veículo possível de ser lido. As manifestações culturais, e os contextos sociopolíticos dos indivíduos e grupos sociais, também, são legíveis. A leitura será mais fácil e prazerosa se os textos escritos traduzirem o contexto sociocultural dos leitores ou se, pelo menos, trouxerem elementos de sua cultura.

Na EJA, como os alunos já têm uma bagagem cultural construída nas suas experiências, são capazes de fazer uma leitura da realidade social na qual estão inseridos. Estas leituras são feitas no terreno da concretização da vida. O desafio da escola é despertar o gosto estético literário dos educandos da EJA, este caminho será menos pesados se o educador partir dos conhecimentos que compõem o universo sociocultural dos educandos.

Partindo desta compreensão de leitura, e das análises das respostas dadas às perguntas elaboradas nos questionários dirigidos aos sujeitos pesquisados, chegamos ao quadro real, segundo o nosso entendimento, em que estão os educandos das primeiras e segundas etapas da EJA em relação à leitura. Para análise das respostas dos alunos dividimos as disciplinas por áreas do conhecimento. O resultado construído segue apresentado nos gráficos abaixo.



Conforme elucidado no gráfico acima, nenhum dos interlocutores disseram não terem dificuldades em leitura e compreensão de texto. Todos eles afirmaram ter dificuldades em práticas de leitura. Conforme declaração dos próprios estudantes, 50% deles tem pouca dificuldade, 30% afirmam ter muita dificuldade e 20% tem dificuldade total.

A realidade supramencionada é ainda mais alarmante quando aplicamos as oficinas lúdicas de leitura literária. Nossas observações levaram à constatação de que entre os educandos que afirmaram ter pouca dificuldade (um total de 50%) não condiz com a realidade do contexto investigado.

As práticas revelaram que estes alunos que afirmaram ter pouca dificuldade em leitura e compreensão de textos de Língua Portuguesa têm, na verdade, muita dificuldade. Esta situação preocupante foi evidenciada durante a aplicação das oficinas nas quais trabalhamos com textos da cultura popular regional de que os educandos fazem parte.

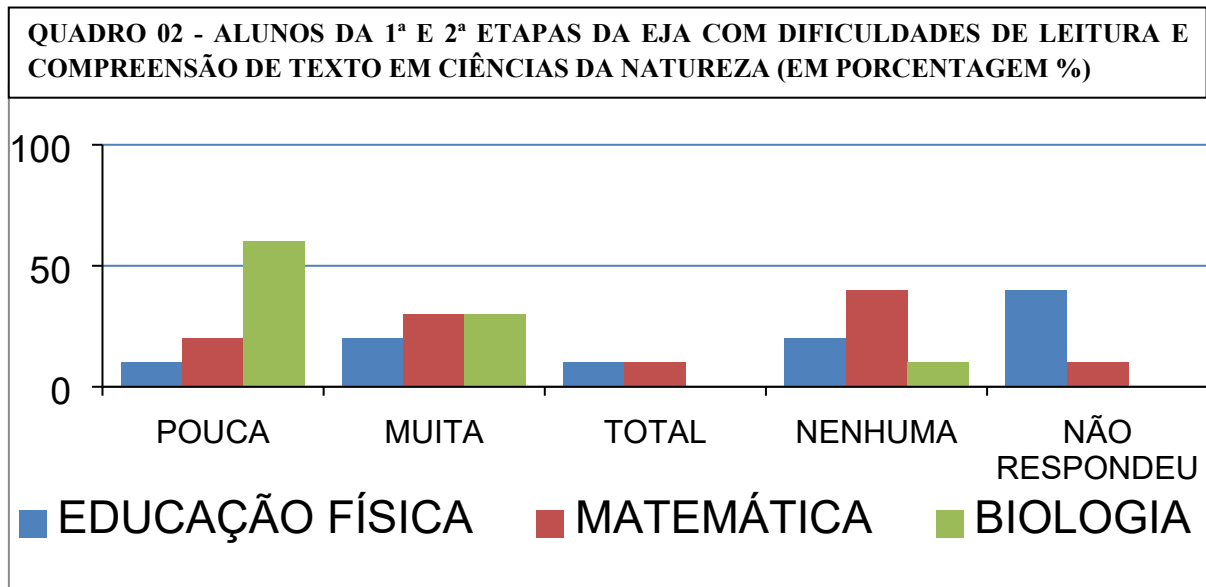
Araújo (1998) chama a atenção para a questão da formação de leitores fundamentada no contexto sócio-cultural do educando. Segundo o autor, “os professores de leitura poderiam levantar propostas de ensino [...] voltadas para o próprio universo sociocultural do educando, procurando ajudá-lo a entender aquilo que há nesse universo, [...]”. (ARAÚJO, 1998, p. 58). Esta afirmação justifica nossa opção por construção de oficinas de leitura com a utilização de obras da literatura popular regional. Pois essa Literatura está mais próxima das características que constituem o conjunto de conhecimentos prévios dos educandos.

A constatação do problema em relação a leitura de textos da Disciplina de Língua Portuguesa reflete-se nas demais disciplinas escolares. Com relação à Geografia, 70% deles disseram ter dificuldades em ler texto desta disciplina, sendo que 10% deles dizem ter dificuldade total e 10% dizem ter muitos problemas em leitura na área abordada. Os outros 30% não responderam. Porém, observamos durante a pesquisa ao desenvolvermos oficinas de leitura que, este campo também não era conhecido por elas, ou seja, os trinta por cento que não responderam também não leem textos de Geografia.

Em História, o dado “nenhuma dificuldade” chama a nossa atenção enquanto pesquisadores. Pois 50% dos interlocutores apontam não terem problemas ao ler textos dessa disciplina. Em Ensino Religioso, 20% afirma não ter dificuldades e 40% não responderam. Em entrevistas com os educandos, percebemos que os dados referentes à história não representam a realidade. O contrário seria uma contradição, pois, como alunos podem ter dificuldades em ler textos de Língua Portuguesa e não as terem ao ler um texto de História.

Os 40% que não responderam ao item sobre leitura em Ensino Religioso disseram que não responderam porque não tem esta disciplina. Porém, os 20% que afirmam ler e compreender textos de Ensino Religioso reportam não necessariamente ao texto escrito, propriamente dito, mas às vivências diretas com o fenômeno religioso enquanto cultura.

Em relação às Ciências da Natureza não encontramos grandes divergências com relação à realidade apresentada acima. Nesse sentido, 90% dos educandos responderam ter alguma dificuldade em ler textos da Biologia, sendo que 30% diz ter muito problema de leitura nessa disciplina, conforme demonstramos no quadro a seguir:



Com relação as outras duas disciplinas, acontece algo muito semelhante à análise citada anteriormente sobre Ensino Religioso. Os 40% que não marcaram o item dificuldades de leitura em Educação Física, disseram em entrevista que não o fizeram porque não tem esta Disciplina.

Entretanto, os 40% que marcaram não ter dificuldades de leitura em Matemática afirmam que não se referiam à leitura como processo de decodificação dos sinais gráficos da língua portuguesa, mas à compreensão da matemática no campo da praxis. Não tem dificuldades porque lidam cotidianamente, com dados matemáticos no supermercado ao efetuar uma compra, na rua ao localizar um endereço, etc.

CONCLUSÕES

O estudo das dificuldades de aprendizagem dos educandos da EJA, de primeira e segunda etapas do Ensino fundamental, no que se refere às suas práticas de leitura e compreensão de textos nas diferentes disciplinas do currículo escolar, está sendo conduzido à luz do seguinte objetivo principal: Desenvolver em alunos da EJA o gosto estético-literário e o prazer de ler, através da participação dos mesmos em oficinas lúdicas de leitura de obras da

cultura regional que apresentam ligações com as vivências reais e simbólicas dos referidos educandos. Para a investigação utilizamos como metodologia a pesquisa-ação que permitiu-nos, até o presente momento, sistematizar algumas conclusões parciais, visto que a pesquisa encontra-se em andamento: parte da amostra da turma de alunos da EJA começa a demonstrar algumas habilidades no que se refere às práticas de leitura e compreensão de textos da Literatura regional popular e de texto dos livros didáticos; a turma de alunos estudados demonstrou interesse pela leitura literária e compreensão de textos relacionado ao universo da cultura regional popular; aumento da frequência dos alunos às aulas; os alunos elevaram significativamente a autoestima ao participar das oficinas lúdicas da leitura literária; os estudantes iniciaram um processo de valorização de suas identidades ao perceberem suas vidas, suas experiências, seus saberes, sua cultura como crenças e valores entre outros presentes nos contextos dos textos da literatura regional popular trabalhada durante as oficinas de leitura.

As considerações supracitadas não enceram este estudo, pois o mesmo encontra-se em andamento. Todavia, trazem informações imprescindíveis para o andamento das intervenções pedagógicas através das oficinas de leitura.

Estando de posse de dados parciais, pretendemos a partir de agora procedermos com a publicação de artigos em congressos nas áreas da educação de letras. Procedendo assim à tríade proposta pelo programa, que é a pesquisa, o ensino e a extensão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, João Evangelista das Neves. **A leitura e o leitor escolar: a busca de uma tipologia.** Teresina – PI: UFPI/CCE – PPGE. 1999 (Dissertação de Mestrado) p. 216.

_____. **Identidade sociocultural e práticas de leitura literária: O processo de construção social do leitor.** (TESE DE DOUTORADO EM LETRAS) Recife – PE: PPGL do CAC – UFPE, 2005.

_____. **Psicopedagogia do leitor e da obra literária: da mediatização poética ao prazer da leitura em oficinas lúdicas.** (Monografia de especialização em psicopedagogia). Teresina :UESPI-CPP, 2007.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e Cultura popular: leituras de operárias.** 6 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1986, p. 188.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes; LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira. **As trilhas da linguagem: pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: Boklink, 2011.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1985.

_____. **Educação e Mudança**. 12 ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

_____. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor** 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido**. 4 ed. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MONDIN, Batista. **O homem: quem ele é? : elementos de antropologia filosófica**. 12. Ed. São Paulo: Paulus, 1980.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Cultura, culturas e educação**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2003, n.23, p. 5-15. ISSN 1413-2478.